

BOBBIO E O BERLUSCONISMO

Resenha sobre:

BOBBIO, Norberto. *Contra os novos despotismo – Escritos sobre o berlusconismo*. Trad. Erica Salatini. Rev. César Barreira Mortari. São Paulo: Unesp, 2016. (178 p.)

*Rafael Salatini*¹

O livro *Contro i nuovi dispotismi* [Contra os novos despotismos] de Norberto Bobbio consiste numa obra coligida pela revista *Critica Liberale* e publicada postumamente em 2008, reunindo 25 pequenos textos e entrevistas publicados pelo filósofo na imprensa italiana (nos jornais *La Stampa*, *La Repubblica*, *L'Unità* e *Reset* e nas revistas *Il Ponte* e *Critica Liberale*), entre 1994 e 2001, além de trechos de outros livros, sobre a figura política do primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi (entre 1994-1995, 2001-2005, 2005-2006 e 2008-2011) e seu partido de centro-direita *Forza Italia* [Força Itália], fundado em 1994.

No texto “Separatismo liberal”, Bobbio analisa o risco que Berlusconi representava de uma unificação pessoal dos poderes econômico, político e cultural, contraposto ao tema liberal clássico da separação de poderes, garantidor da liberdade, e ao tema igualmente clássico do governo misto, garantidor da estabilidade, duas teorias que distingue da teoria dos diversos tipos de poder (o poder econômico, o poder político e o poder cultural), concluindo que “a história do pensamento político consiste, sobretudo, na invenção de instrumentos institucionais destinados a fazer que quem possua um poder qualquer não tenha condições de abusar dele” e que “o remédio fundamental sempre foi a luta contra a concentração de mais poderes nas mãos de um único indivíduo ou de um único grupo” (p. 14). Contra a concentração de poder pessoal berlusconiana, argumenta então que “a unificação dos três poderes em um só homem ou em um só grupo tem um nome bem conhecido na teoria política” (p. 15), referindo-se montesquieuanamente ao despotismo.

No texto “Aquela Itália modelo Berlusconi”, Bobbio analisa as campanhas eleitorais patrocinadas por Berlusconi que antecederam as eleições italianas de 27/03/1994, descrevendo o berlusconismo como um fenômeno de videocracia, entendido como um “poder que se exerce não mais somente por meio da palavra falada, que poucos estão dispostos a escutar, ou da escrita, que pouquíssimos têm tempo para imprimir na mente, mas por meio da imagem que entra insistentemente na casa de todos e se fixa na memória, bem mais que um discurso” (p. 19). Enquanto, no texto “A esquerda assusta a Itália”, Bobbio comenta o esperado resultado da-

¹ Professor doutor da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” na unidade da Faculdade de Filosofia e Ciências, departamento Ciências Política Econômicas. rafael Salatini@marilia.unesp.br

quelas eleições italianas, vencidas por Berlusconi, perguntando-se por que a Itália seria a única grande democracia europeia que nunca fora governada pela esquerda, contra a qual prevaleceria “o grande medo” (p. 22).

Na entrevista publicada com o título “Autoritário ou inexperiente?”, Bobbio rechaça a comparação (feita por muitos intérpretes mais superficiais) entre Berlusconi, um fenômeno da democracia italiana, e Mussolini, um fenômeno plenamente autocrático, perguntando-se, antes, se “encontramo-nos diante de um político tendencialmente autoritário, mas prudente”, ou de “uma pessoa temerária”, considerando a experiência bobbiana acumulada tanto no enfrentamento do fascismo, nos anos 1920-1940, quanto da débil cultura democrática italiana, entre os anos 1940-2000.

No texto “O partido fantasma”, Bobbio analisa a constituição da Força Itália, grupo político berlusconiano, como um “movimento de opinião” mais que como um partido, num contexto italiano em que prevalecia uma conotação política negativa sobre os partidos italianos, do qual aquela se aproveitara. Nesse sentido, afirma que “nosso país é governado por um agrupamento político que, do ponto de vista da rica tipologia dos grupos políticos, não se sabe bem que coisa é e não se sabe bem o que seja porque, até agora, ninguém se dignou a nos fazer saber claramente” (p. 30), arrolando em seguida inúmeras perguntas direcionadas diretamente à Força Itália (que seriam respondidas diretamente em carta pública pelo próprio primeiro-ministro).

No texto “O direito de fazer perguntas”, então, Bobbio responde à carta de Berlusconi sobre a natureza do partido Força Itália, considerando positivo o exercício de esclarecimento feito, ressalvando, contudo, ter ficado especialmente sem resposta a questão feita sobre o financiamento partidário, concluindo que, “se existe um campo em que a ruptura do novo em relação ao velho deverá ser total, é justamente este”, pois, em sua avaliação, “temos certeza que as infrações realizadas para financiar os partidos foram a principal causa da degeneração e do fim indecoroso da Primeira República [na Itália]” (p. 34).

Na entrevista publicada com o título “Insisto: Quem financia a Força Itália?”, Bobbio analisa a linguagem política utilizada para definir esse partido, afirmando que “não acho muito sério dizer não o que é a Força Itália, e sim o que *não é*” (p. 36), desmentindo a afirmação berlusconiana de que suas perguntas teriam sido preconceituosas, e argumentando que, antes, “nasce[ram] mais de um conceito de fato sobre a insuficiência das informações disponíveis” (p. 36). Todavia, respondidas as questões sobre a natureza partidária, Bobbio insiste então na pergunta não respondida sobre o financiamento da Força Itália.

No texto “Os poderes e as leis?”, Bobbio analisa as críticas doutrinárias recebidas na imprensa italiana pelo governo berlusconiano, prendendo-se especialmente ao binômio despotismo da maioria (de que o governo fora acusado) *versus* Estado de direito (produto da doutrina liberal), ressalvando então que “Estado de direito, no sentido total da palavra, é aquele em que cada poder é limitado não só por leis, mas pelos direitos do homem, reconhecidos pelas constituições liberais, diante das quais as maiorias, mesmo legitimadas pelo consenso dos eleitores, devem se inclinar respeitosamente” (p. 43), princípio liberal que sugeria para o governo em questão.

No texto “A democracia precária”, Bobbio reconhece, contra argumentos opostos, o governo berlusconiano como fundamentalmente democrático, com base nas previsões consti-

tucionais italianas, não sendo essa propriamente a questão contra a qual levantar-se-ia, mas sim outra, de natureza material, segundo a qual “o que repugna os princípios democráticos, e que de fato não existe em nenhuma democracia do mundo, é que um homem político, fundador e líder de um movimento político, possua o monopólio quase total das televisões privadas” (p. 46).

Enquanto, no texto “Limites entre a política e o poder da TV”, Bobbio continua tratando do tema da redistribuição do poder televisivo na Itália, criticando a relação entre o monopólio quase total dos meios de comunicação de massa nas mãos de uma única empresa (de propriedade de Berlusconi) e a posse dessa empresa por um líder político que concorria para o cargo de presidente do Conselho de Ministros (cargo de primeiro-ministro italiano), reconhecendo um grave problema político na legislação econômica italiana, segundo o qual “o problema na Itália não é só o de aprovar uma lei antitruste”, mas antes “o problema bem mais grave é o da falta, até agora, de um regulamento do inevitável conflito entre a posse de um enorme poder de formação da opinião pública e o efetivo desenvolvimento de uma ação na esfera política, cujo sucesso, na democracia, diferentemente do que acontece numa monarquia de direito divino, depende da maior possibilidade que uma opinião pública se forme livremente” (p. 50).

No texto “O derrotismo de Bertinotti”, Bobbio analisa a estratégia política para o enfrentamento bipolar da direita constituída pelo grupo político berlusconiano adotada pelo grupo político comunista italiano Refundação, a qual representa profundas diferenças entre comunistas e socialistas italianos, considerando aquela estratégia como derrotista, nos termos segundo os quais, “em um sistema bipolar, qualquer um que no interior de um polo ostenta a própria independência em relação a todas as outras partes do polo, mesmo em relação aquelas que lhe estão mais próximas, o enfraquece” (p. 54).

Nos textos “O conflito e seu verdadeiro nó” e “A lição dos doze *referendum*”, Bobbio analisa os diversos referendos populares, entre os quais os três sobre a chamada Lei Mammì, que tratavam da redistribuição do poder televisivo na Itália, na qual a sorte econômico-política de Berlusconi estava lançada (e da qual saíra vencedor). O filósofo, então, conclui, sobre os referendos em geral, que “deveria sugerir maior cautela no futuro que esse mísero resultado tenha dependido não tanto do instituto do *referendum* em geral, e sim da futilidade de alguns quesitos, da disparidade dos temas, do fato que fomos chamados a responder a doze perguntas de uma vez, nem todas fáceis, aliás, algumas tão difíceis que até o último momento fiquei em dúvida sobre a resposta” (pp. 57-58), e, sobre a referida lei, em especial, que, “substancialmente, o resultado dos três *referendum* demonstrou que a posse quase exclusiva das televisões privadas nas mãos de uma formação política é uma força irresistível” (p. 59).

No texto “A regra da democracia”, Bobbio analisa o comportamento político radicalmente anticomunista de Berlusconi, argumentando que “o ABC da democracia consiste no fato que os dois concorrentes na competição livre para governar o país se consideram não dois inimigos, mas dois adversários, dos quais um reconhece ao outro o direito de estar no governo por um limitado período de tempo após ter vencido as eleições” (p. 61). Nesse sentido, o filósofo exproba o princípio *conventio ad excludendum* como não democrático, além de acusar Berlusconi de superioridade de armas políticas, em função de seu monopólio quase total das televisões privadas.

Nos textos “Ambra e o ungido do Senhor” (um trecho do livro *Tra due repubbliche* [Entre duas repúblicas] (1996)) e “Um político pode se denominar ‘ungido pelo Senhor?’”, Bobbio critica a excessiva personalização da política representada por Berlusconi, da constituição de um partido pessoal, ressaltando que “a novidade absoluta e surpreendente da Força Itália está em ser [...] o primeiro partido pessoal de massa” (p. 65), ao seu estilo político, ressaltando “o modo personalista e megalomaniaco de se definir o ungido do Senhor e de declarar, como fez recentemente, o ‘melhor’” (p. 96).

No texto “A obstinação dos antiacionistas” (um trecho da introdução escrita para a obra *Socialismo liberale* [Socialismo liberal] (1979) de Carlo Rosseli), Bobbio analisa a condição de terceira força dos “acionistas”, grupo político-intelectual a que pertenceu desde a juventude antifascista, que levaria seus membros a ter que lidar tanto com críticas da esquerda (comunista) quanto da direita (fascista). A relação desse trecho com a obra deve ser buscada no objetivo acionista de debelar “o fascismo como autobiografia da nação” (p. 72), que se emparelha à crítica bobbiana do “berlusconismo como autobiografia da nação” (p. 20).

Na entrevista publicada com o título de “O fim da esquerda”, Bobbio comenta novamente a dificuldade de união da esquerda italiana, dividida desde o início do século entre comunistas e socialistas, que dificulta o enfrentamento político da direita naquele país. Enquanto, na entrevista publicada com o título de “Desconcertado e desconsolado”, Bobbio comenta a derrota clamorosa da centro-esquerda italiana nas eleições de 2000, vencidas pela centro-direita de Berlusconi e Bossi, descrevendo o segundo como “uma pessoa vulgar, ignorante e, em seu comportamento em relação aos diferentes, também racista”, e o primeiro como “inteligente e obstinado, inescrupuloso, é um homem de poder que, após ter conquistado o poder econômico, voltou-se, com sucesso, para a conquista do poder político” (p. 79).

No texto “Loucura itálica”, Bobbio critica a formação de inúmeros partidos pessoais no sistema político italiano, considerando que “partido pessoal” é uma contradição em termos”, pois “o partido, por definição, é uma associação de indivíduos que estão juntos para alcançar um objetivo comum” (p. 83), preocupando-se especialmente com “um partido pessoal, pessoalíssimo, que não é um partidinho, mas um partidão, como não existe igual em nenhum outro país do mundo” (p. 85), referindo-se naturalmente à Força Itália.

Na entrevista publicada com o título de “Esta direita não é liberal”, Bobbio discute a politização berlusconiana da concessão do selo cívico ao filósofo e a Galante Garrone Alessandro, assim como o antiacionismo presente na cultura política italiana. Enquanto, no texto “Vence com a publicidade”, Bobbio volta a criticar a relação entre publicidade privada e política partidária presente na figura berlusconiana. E, no texto “Apelo contra a Casa das Liberdades”, em conjunto com outros nomes intelectuais, critica a coalização política criada em 2000 por Berlusconi.

Por fim, nos textos “Um partido subversivo” e “O homem tirânico” (trechos do livro *Dialogo intorno alla repubblica* [Diálogo em torno da república] (2001)), Bobbio discute, no primeiro, a característica subversiva da Força Itália, afirmando que esta “não se liga à tradição liberal italiana de modo nenhum” e “não tem nem mesmo as características do clássico partido conservador”, concluindo que “a Força Itália é, portanto, um partido subversivo” (p. 99), assim como as características demagógicas de Berlusconi, afirmando que, “se tivermos em mente a

tipologia weberiana [das três formas de dominação política legítima], Berlusconi entra na categoria do demagogo” (p. 101). No segundo, compara Berlusconi com a figura platônica clássica do tirano, afirmando que aquele, “no fundo, como o tirano clássico, considera que para ele é lícito o que os mortais comuns sonham”, considerando que “a característica do homem tirânico é acreditar que pode tudo” (p. 105).

O livro conta ainda com um prefácio de Enzo Marzo, que analisa as últimas posições públicas de Bobbio sobre Berlusconi e os traços da democracia italiana perpassada pelo berlusconismo; com um posfácio de Franco Sbarberi, que analisa a participação de Bobbio no movimento de intelectuais neoiluministas italianos, considerando a particular autodefinição bobbiana como “iluminista pessimista”; e com um posfácio exclusivo para a edição brasileira sobre a demagogia antiga e moderna escrito por mim.

Esse livro, que trata de temas cotidianos da vida política italiana da última década vivida por Bobbio, deve ser lido juntamente com outros que o filósofo publicara no mesmo período, especialmente *Sinistra punto zero* [Esquerda ponto zero] (1993), *Destra e sinistra* [Direita e esquerda] (1994; 1995 [2ª ed. revista e ampliada]) e *La sinistra nell'era del karaoke* [A esquerda na época do karaoke] (1994), que tratam da questão ideológica direita-esquerda na Itália em particular e no pós-guerra fria em geral. E, talvez especialmente, seguidamente ao livro (também organizado e publicado postumamente) *Democrazia e segreto* [Democracia e segredo] (2011), que analisa o principal problema político italiano imediatamente anterior à ascensão de Berlusconi: a corrupção generalizada do sistema político e partidário e a chamada Operação *Mani Pulite* [Mãos Limpas] dos anos 1990, que devastou os partidos políticos italianos daquele período, criando o vácuo de poder partidário aproveitado pela Força Itália.

